

História, Fundamentos e Novas Tendências da Terapia Familiar Sistêmica.

Vania Bastos Fonseca de Castilho*

Resumo

O campo da psicoterapia familiar é relativamente novo, e seu surgimento foi precedido por um momento histórico caracterizado por mudanças importantes na teoria e na prática da psicoterapia, notadamente no campo interpessoal. A influência do desenvolvimento das ciências físicas e naturais no decorrer do século vinte foi significativa para a formulação de uma nova epistemologia, condizente com as inquietações daquele momento.

Decorrido trinta anos de teoria e prática, e sob a influência de um “novo paradigma” científico, diversas noções começaram a ter impactos significativos no modo de pensar o mundo, no modo de entender o lugar do observador e no trabalho clínico com famílias.

Abstract

The field of Family Therapy is relatively new, and your appearance was preceded of a historic moment characterized by important changes in psychiatric theory and practice, especially at interpersonal field. The influence of the advance of physical and natural science during the twentieth century was significant for the development of a new epistemology, suitable for the inquietude of that moment.

After thirty years of theory and practice, and under the influence of a scientific “new paradigm”, several notions started to have a significant impact in the way of thinking the world, in the way of understanding the observer’s place and on the clinical work with families.

Palavras – Chaves

Sistema; Família; Complexidade; Paradigma

Key-words

System; Family; Complexity; Paradigm

O campo da psicoterapia familiar é relativamente novo e vem se desenvolvendo desde a década de 1950 após a segunda guerra mundial, em um mundo traumatizado pelas recentes experiências. Inicialmente seu objeto de atenção foi com pacientes esquizofrênicos, com pacientes delinqüentes e com o trabalho com crianças. Descontentes com os resultados dos tratamentos psicoterápicos, especialmente com pacientes portadores destes sintomas, profissionais da área foram em busca de novas alternativas no que se refere a uma compreensão e um tratamento que respondessem com mais eficácia as demandas terapêuticas.

Não se trata apenas de uma técnica terapêutica, já que apresenta uma forma diferente de compreender a saúde e a doença mental, contribuindo para a ampliação de intervenções terapêuticas.

O momento histórico que precedeu o “Movimento de Terapia Familiar”, caracteriza-se por mudanças importantes na teoria e na prática da psiquiatria. Nesta época, a psicanálise já estava consolidada e reconhecida como método de tratamento e paralelamente novas abordagens e temas inovadores começavam a ganhar força. A sociologia, a psicologia social, os crescentes trabalhos com grupos, o psicodrama, as concepções de comunidade terapêutica como modalidade de tratamento e a inclusão do atendimento paralelo aos pais de crianças em tratamento psicoterapêutico, fizeram com que, na área clínica, houvesse um crescente interesse pelas influências do campo interpessoal sobre as sintomatologias psiquiátricas.

A influência do desenvolvimento das ciências físicas e naturais no decorrer do século XX foi significativa para a formulação de uma nova epistemologia, condizente com as inquietações daquele momento, notadamente no campo interpessoal. Destacamos aqui, a Teoria Geral dos Sistemas, de Von Bertalanffy, que tenta buscar os princípios válidos para todos os sistemas, com interesse por sua integração e organização e cuja contribuição não se restringiu apenas ao campo das ciências exatas. Ao contrário, foi ampliada e mostrada como poderia ser aplicada no campo da psiquiatria ao tratar da dinâmica das relações a ao entender os fenômenos (físicos, sociais, culturais, econômicos etc.) como interdependentes e inter-relacionados.

Destacamos também o trabalho de Norbert Wiener sobre Cibernética (teoria sobre processos de comunicação e controle nos sistemas naturais, e engenharia da comunicação nas ciências da automação e da computação). Sua atenção é centrada nos processos pelos quais, sistemas

auto-reguladores, minimizam os efeitos dos distúrbios do meio ambiente, mediante os conceitos de reversibilidade, feedback negativo e homeostase.

Os primeiros sinais de uma nova epistemologia para tratamento de distúrbios mentais surgiram a partir dos estudos do antropólogo e etnologista, Gregory Bateson (1985). Considerado um dos pensadores mais influentes de nossa época, Bateson desafiou os pressupostos básicos e os métodos de varias ciências, ao buscar os padrões que se articulam em processos subjacentes às estruturas, “o padrão que une”, ou seja, o principio de organização em todos os fenômenos observáveis. Propôs que a mente fosse definida como um fenômeno sistêmico, característica de organismos vivos, sociedades, ecossistemas etc., sendo uma consequência necessária e inevitável de uma complexidade que começa muito antes dos organismos desenvolverem um cérebro e um sistema nervoso superior.

O trabalho de Bateson (1985) é central para o desenvolvimento das noções sistêmicas com relação ao comportamento humano. As primeiras pesquisas que articularam o pensamento batesoniano e os fenômenos psiquiátricos foram realizadas com a colaboração de John Weakland, Don Jakson e Paul Watzlavick (1973), todos eles psiquiatras, por meio de observações sobre os padrões de transições esquizofrênicas. Algumas dessas idéias encontram-se no livro “*Pragmática da Comunicação Humana*”, dos autores referidos acima.

Os resultados destes estudos levaram a visões diferentes daquelas da psicanálise. Enquanto esta via o comportamento humano regido apenas por forças intrapsíquicas, os estudos a que estamos nos referindo chegaram à conclusão de que não se pode compreender o indivíduo isolando-o de seu contexto. Uma vez que o indivíduo e o ambiente são intimamente dependentes e interligados, também o sintoma psiquiátrico não pode ser compreendido isoladamente, visto que o comportamento e as emoções alterados são também o resultado de disfunções em um sistema complexo.

A patologia pode estar simultaneamente ou não em diversos níveis, desde o molecular, o intrapsíquico, o familiar e o social, porém, parece que o que a faz aflorar é a falta de acomodação

do sistema às peculiaridades de um dos níveis. Se considerarmos, por exemplo, uma criança com distúrbio por déficit de atenção, ela apresentará alterações de comportamento ou não, dependendo da resposta da família e/ou da escola às suas dificuldades apresentadas.

O interesse no sistema familiar desenvolveu-se inevitavelmente a partir dessas tendências, considerando que a família é um organismo vivo, com um ciclo vital e mecanismos de reprodução tanto no nível físico quanto no psicológico e no social. A família, portanto, pode ser definida como um *“sistema onde as ações e comportamentos de um dos membros influenciam e simultaneamente são influenciadas pelos comportamentos de todos os outros”*. Vista desta maneira não é meramente a soma de seus componentes nem um conjunto de elementos independentes, mas, um todo coeso, inseparável, uma unidade indivisível.

A filosofia básica que rege a terapia familiar é que o todo e as partes são inextrincáveis, pois as propriedades do todo derivam das interações entre as partes, definindo-se mutuamente umas às outras. Além destas idéias de globalidade e retroalimentação esta nova epistemologia tem como idéia central a causalidade circular concepção oposta à idéia de causalidade linear dos modelos clássicos tradicionais, cujas causas e efeitos dos distúrbios mentais são pensados em termos históricos e casuais. A causalidade circular, pelo contrário, afirma que um todo não possui começo nem fim, sendo impossível “descobrir”, dentro das tramas relacionais quem ou o que é a causa de um distúrbio.

“Nos primeiros anos o “Movimento de Terapia Familiar”, como era chamado, ficou restrito a estudos, pesquisas, criação de comitês e publicações, inclusive a criação da revista *“Family Process”* de grande importância até os dias de hoje. Uma das razões que impedia o seu uso terapêutico era o fato de que esta nova abordagem representava o inverso da maneira como a psicanálise buscava ajudar os seus pacientes, cuja natureza era pessoal, confidencial e privada. A inclusão da família representava um radical rompimento com o *establishment* da psicoterapia até então.

Foi somente em meados da década de 50 e início da década de 60 que o campo da terapia familiar começou a tomar forma e suas idéias foram integradas em uma teoria geral. Quando novos adeptos juntaram-se aos pioneiros, introduziu-se um trabalho clínico sistemático caracterizado por um corpo de conhecimento bem aceito pelos centros psiquiátricos com sua utilização no trabalho com qualquer tipo de desordem.

Ao introduzirem-se conceitos novos no campo psicoterapêutico e, em parte, em consequência da busca de seu processo de consolidação e identidade, teve início uma fase onde a explicitação das diferenças fez com que se solidificassem as lutas políticas e institucionais. Nesta fase, nota-se a predominância de um radicalismo teórico decorrente de uma necessidade de rompimento e negação, em relação às concepções tradicionais da prática psicoterápica. Porém, aos poucos, a situação se modifica e dentro do próprio campo da terapia familiar desabrocham múltiplas tendências.

Afirmam-se a Escola Estrutural de Salvador Minuchin (1976), a Estratégica de Jay Haley (grupo de Palo Alto) (1974) e as idéias de Murray Bowen, todas se intitulando sistêmicas, mas diferentes entre si. É um momento de ênfase nas diferenças, nas contradições internas de cada modelo e entre modelos, porém, numa atmosfera de apreciação, curiosidade científica e menos rivalidade política. Promove-se uma rica troca de idéias entre os principais pensadores, por meio de publicações em revistas e livros e mediante divulgações em congressos, estes cada vez mais, verdadeiros fóruns de debates de experiências e aquisições de novas formas de conceituar o fenômeno família. Além disso, os princípios sistêmicos da terapia desenvolvidos a partir do trabalho com famílias começam a ser aplicados em psiquiatria comunitária, no trabalho com grupos maiores, nas instituições como escolas, hospitais, empresas familiares e na área jurídica, com o desenvolvimento e ampliação da teoria e da técnica de mediação.

Um novo fenômeno foi surgindo após este período, principalmente, devido à ampla divulgação e aceitação da terapia familiar. Um uso empírico desta abordagem por terapeutas, cuja orientação teórica era individual, começou a se espalhar e uma variedade de diferentes métodos, procedimentos e técnicas foram sendo usados aleatoriamente. Estabeleceu-se um estado de

caos que, por um lado, teve um aspecto saudável, porque à medida que o terapeuta via os membros da família juntos, ele estava sendo confrontado com um novo fenômeno clínico não explicado por uma teoria individual. Neste período, também, a efervescência e a abundância de pesquisas e construções teóricas, que marcou o primeiro momento, foi dando lugar a produções teóricas que passaram a enfatizar essencialmente a clínica.

A partir do final da década de 70, houve uma retomada nas preocupações com as pesquisas e com o corpo teórico/clínico, impondo uma avaliação de conceitos previamente estabelecidos e utilizados. Neste momento, decorridos trinta anos, já se tinha uma idéia da eficácia de determinados métodos e técnicas de resultados duradouros ou não, através da prática de “*Follow up*” de casos.

O surgimento da Escola de Milão, principalmente após a separação do grupo quando Ceccin e Boscolo (1980) contribuíram com idéias inovadoras, tem uma influência crucial na forma de pensar e rever concepções teóricas e técnicas, principalmente no que se refere à objetividade e neutralidade do terapeuta. O mesmo passa a ser visto como um observador participante. Ele observa o sistema e participa dele, é um co-construtor do processo terapêutico, tornando-se parte do sistema e adotando uma atitude irreverente frente aos fenômenos observados.

Também o surgimento de um “novo paradigma” científico (percepções e valores que formam uma determinada visão da realidade ou concepção de mundo) veio introduzir diversas noções que começaram a ter impacto no modo de pensar a terapia, como, por exemplo, a idéia de mudanças em condições afastada do equilíbrio de Prigogine, o construtivismo e a cibernética de segunda ordem.

Como diz Vasconcellos (1995) , durante decênios (1950 a 1980), os “sistemas “- metáfora usada para os grupos familiares - foram modelo importante no campo da terapia familiar sistêmica, usando-se a analogia com a máquina cibernética. Com a mudança paradigmática, tanto o sentido ou concepção cibernética do mundo, quanto o trabalho sistêmico com famílias, são revistos em seu quadro de referência. Cria-se então, a terminologia “cibernética de primeira ordem” e

“cibernética de segunda ordem” para diferenciar estas duas concepções. De uma forma bem suscita, um dos aspectos mais interessantes, é que, na primeira cibernética a família é concebida como uma “caixa preta” com o terapeuta posicionando-se como observador externo, de fora do sistema, para conhecer uma verdade objetiva, com uma posição hierárquica superior, pois é o agente ativo e condutor do processo de mudança.

Na segunda cibernética, emerge a visão sistêmica da complexidade organizada, onde se percebe que a determinação das condições iniciais, com a previsão necessária à definição de uma trajetória, é impossível, abalando o mito da previsibilidade ilimitada. O observador, que era visto como aquele que observava o mundo e o descrevia de fora, passa a ser visto como parte do mundo que descreve: “a realidade é uma construção do observador”. Reconhece-se as idéias de instabilidade, desordem, imprevisibilidade, acaso, auto-organização, entre outras. O terapeuta não se comporta mais como o detentor do saber e do poder, nem agente ativo e condutor do processo, mas como um co-construtor no processo terapêutico.

Mony Elkain (1990), um destacado terapeuta de família belga, criador dos conceitos de auto-referencia e ressonância, acredita que as formas vivas são vulneráveis à mudança principalmente quando se afastam do equilíbrio. Essa transformação, entretanto é imprevisível. Assinala que, nos estados distantes do equilíbrio (Prigogine), a evolução de um sistema está ligada, não a uma lei geral, mas a propriedades intrínsecas desse sistema e suas singularidades (organização autopoietica, segundo Maturana e Varela). Estas podem provocar um estado instável, gerando os chamados momentos singulares ou pontos de bifurcação, onde ocorrem, abruptamente, mudanças de comportamento.

O construtivismo contribuiu de forma fundamental com a idéia de que, como o observador se torna parte de suas observações, ao invés de “descobrir” uma realidade, ele a constrói. Dessa forma, conceitos como, verdade, objetividade e realidade são questionados, pois não existe uma representação passiva da realidade, independente da observação. O resultado do trabalho terapêutico decorre das possibilidades e limitações dos seus participantes (sistema terapêutico).

Elkain (1990) assinala: *“no quadro da psicoterapia, não é a verdade ou a realidade que importa, mas a construção mutua do real, o multiverso (Maturana e Varela). Pareamentos diferentes fazem surgir mundos compatíveis. As soluções ligadas a essas construções são sempre operatórias. Uma psicoterapia de sucesso significa não que o terapeuta teve razão, mas que a construção que ele edificou com os membros do sistema terapêutico é operatória”*.

Outro importante aspecto que destaco aqui é o de que a abordagem sistêmica tem sistematicamente desafiado a crença de uma reificação da patologia na medida em que a toma como circunstancial e vê o sintoma como uma oportunidade na busca de soluções para o sofrimento psíquico. Novas práticas têm enfatizado o uso das possibilidades e redefinições, ao invés de investigações detalhadas do porque de uma manifestação patológica. Um bom exemplo disto é a Abordagem Narrativa de Michael White (1990) . Para ele, as pessoas experimentam problemas quando as histórias contadas sobre suas vidas são narrativas saturadas e não representam suficientemente as experiências vividas. Propõe que a terapia se torne um processo de re-narração das histórias e experiências vividas, sugerindo uma *“externalização do problema”* (separar o problema da pessoa), para que a mesma deixe de se identificar com sua história saturada de problema, não fique subjugada a este discurso unitário sobre si mesmo, e novas narrativas comecem a ganhar mais influência sobre suas vidas.

Uma tendência semelhante pode ser encontrada nas idéias de Processos Reflexivos de Tom Andersen (1991), cuja proposta básica é a de que clientes, terapeutas e a equipe de consultoria troquem de lugares, e que haja uma reflexão sobre o encontro terapêutico através do que ele chama de equipe reflexiva. Com esta prática, ampliam-se as possibilidades de mudança, através de uma busca pelo ainda – não visto -, pelo ainda – não pensado- e por compreensões alternativas do que tenha sido definido como problemático.

Considerações Finais

O campo da terapia familiar sistêmica tem sido claramente um campo fértil e prolífero em sua breve existência. Contribuiu e continua contribuindo com idéias inovadoras e com uma abertura epistemológica e conceitual tanto no nível de interpretação de fenômenos psicológicos, como no

nível de utilização de recursos e técnicas psicoterapêuticas. A partir do final século xx, o surgimento das epistemologias pós-modernas construtivistas e a cibernética de segunda ordem, mais “*Batesonianas*” que estratégicas, provocaram um remolduramento do foco sistêmico, com uma abertura para a complexidade. Resgataram o indivíduo e seu mundo interno ao mesmo tempo em que prosseguiram na leitura do seu mundo externo e das relações.

As noções clínicas tomaram, então, um novo rumo: O cliente é o sistema organizado pelo problema, e o foco das intervenções é no sistema significativo: pessoas, relações, idéias e significados, conectados recursivamente ao problema. A queda do mito do purismo e do unicismo teórico, favoreceu uma postura de utilização de diversos recursos teóricos e a inclusão do Self do terapeuta, através da auto-referência, ressonância e auto-reflexividade. Porém, como diz Luigi Boscolo (1996), “(...) *ter uma posição não purista é diferente de fazer ecletismo ou risoto à milanesa... as teorias são lentes e não camisas de força.*”.

Também na sua prática de ensino e/ou formação, a terapia familiar sistêmica é inovadora. Utiliza habilidades e recursos diferenciados, como o uso do espelho unidirecional para observação de atendimentos, supervisão ao vivo, gravação de sessões para estudo e “*follow up*” de casos e um constante trabalho com as ressonâncias e auto-referências dos alunos em formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSEN, Tom. (1991) **Processos Reflexivos**. Rio de Janeiro: Noo,
- BATESON, Gregory. (1985) **Steps to an Ecology of Mind**. Canadá: Chandler Publishing Company,.
- ELKAÏN, Mony (1990). **Se Você me Ama não Me Ame**: Abordagem Sistêmica em Psicoterapia Familiar e Conjugal. Campinas, SP: Papirus,
- HALEY, Jay. (1976). **Psicoterapia Familiar: Um Enfoque Centrado no Problema**. Belo Horizonte, MG: Interlivros,
- MINUCHIN, Salvador. (1974.) **Families and Family Therapy** .Great Britain. J.W.Arrowsmith Ltd,

PALAZZOLI, S. ; BOSCOLO, L; CECCIN, G. (1980) **Hypothesizing, Circularity, Neutrality: Three Guidelines for the conductor of the session.** *Family Process*, 19 (1): 3-12

HOFFMAN, Lynn. Foundations of Family Therapy: A Conceptual Framework for Systems Change. USA: Basic Books, Inc., 1981 Não deve constar das referências bibliográficas porque não foi citada no texto

SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). Novos Paradigmas: Cultura e Subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996 Não deve constar das referências bibliográficas porque não foi citada no texto.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. (1995) **Terapia Familiar Sistêmica:** Bases Cibernéticas. São Paulo: Psy,

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D.(1973). **Pragmática da Comunicação Humana.** São Paulo: Cultrix,

WHITE, M; EPSTON, D.(1990) **Narrative Means to Therapeutic Ends.** London:W.W.Norton & Company,